

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/GEOGRAFIA

Lucas de Sousa Rabelo

**A AUTOACEITAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO
SER NEGRO NO BAIRRO EXPOAGRA DA CIDADE DE GRAJAÚ -
MA**

Grajaú – MA

2024

Lucas de Sousa Rabelo

**A AUTOACEITAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO
SER NEGRO NO BAIRRO EXPOAGRA DA CIDADE DE GRAJAÚ -
MA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na
Universidade Federal do Maranhão - UFMA como
requisito obrigatório para a conclusão do Curso de
Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia.

Orientador (a): Professora Dr^a. Mônica
Ribeiro Moraes de Almeida

Grajaú - MA

2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Rabelo, Lucas de Sousa.

A AUTOACEITAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SER
NEGRO NO BAIRRO EXPOAGRA DA CIDADE DE GRAJAÚ - MA / Lucas
de Sousa Rabelo. - 2024.

45 p.

Orientador(a): Mônica Ribeiro Moraes de Almeida.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Geografia, Universidade Federal do Maranhão, Grajaú - Ma,
2024.

1. Identidade. 2. Autoaceitação. 3. Bairro Expoagra.
4. . 5. . I. Moraes de Almeida, Mônica Ribeiro. II.
Título.

LUCAS DE SOUSA RABELO

**A AUTOACEITAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO SER NEGRO
NO BAIRRO EXPOAGRA DA CIDADE DE GRAJAÚ – MA**

Trabalho final apresentado à Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como parte das exigências para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia.

Orientadora: Prof. Dr^a. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida

Aprovado em: 09 de Out. 2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Ribeiro Moraes de Almeida – Orientadora

UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dr. Marco Antônio Machado Lima Pereira

UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva

UFMA/Centro de Ciências de Grajaú

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem ele e toda a sua bondade eu não teria chegado até aqui. Aos meus familiares que, direta ou indiretamente, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho, principalmente minha mãe Francisca Ribeiro, mais conhecida como França, que sempre me apoia nos meus estudos, é sempre importante ter pessoas na vida que apoiam e contribuem para a nossa formação. Dedico este trabalho também ao meu Pai Antônio Carlos que infelizmente não se encontra mais nesta vida terrena, mas que com certeza contribuiu para minha formação individual.

As amigas fundamentais que andam comigo desde a infância, passamos pelo fundamental e médio, nos reencontramos na universidade, e que com certeza vou levar pra vida sempre, Bianca Oliveira e Camila Miranda, minhas parceiras nesta jornada de lutas incansáveis, mas que com resiliência e força conseguimos enfrentar mais este percurso, elas que contribuíram bastante para a construção deste trabalho, de todas as formas possíveis, fica aqui registrado meu imenso agradecimento a essas duas pessoas incríveis.

Aos entrevistados que foram muito atenciosos no decorrer da pesquisa, eles foram pessoas fundamentais para o processo e desenvolvimento desta pesquisa. Agradeço também minha orientadora Professora Doutora Mônica Ribeiro, que com paciência e grande sabedoria me ajudou muito no processo desta escrita, sou extremamente grato a esta pessoa que admiro há muito tempo, desde a minha entrada na universidade, eu sempre dizia que ela seria minha orientadora, e estamos aqui, foi incrível todo este processo, meus sinceros agradecimentos.

A SOCIEDADE NUNCA ESTEVE
PREPARADA PARA AS DIFERENÇAS....

RESUMO

O processo de construção da identidade é desenvolvido dentro das relações e do convívio social, no diálogo, na cultura, durante toda a nossa vida, por esse motivo, a identidade negra também é estabelecida a partir destes quesitos. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar como as pessoas negras se percebem e quais as dificuldades e os conflitos de resistência e existência desta população do município de Grajaú - MA na atualidade, especificamente no bairro Expoagra. Além disso, busco também averiguar como a pessoa negra se mostra dentro da sociedade, se tratando de identidade, bem como ela se vê e se impõe; Compreender o processo de resistência, como negro, dentro do convívio histórico, social e cultural; bem como entender a perspectiva atual de determinados conceitos e preconceitos ao negro no bairro Expoagra. A pesquisa ocorreu com oito integrantes moradores do bairro Expoagra, na cidade de Grajaú - Maranhão, com a faixa etária de 23 a 68 anos, na forma de questionário, bem como, em conversas formais e informais. Com base nos dados que foram coletados e analisados pude perceber que ainda existe um grande receio, ou até mesmo uma falta de conhecimento, por parte de muitos sobre o que é a cultura negra, bem como, sobre os processos históricos. Além disso, há muitos preconceitos arraigados, o que dificulta o conhecimento da cultura e, conseqüentemente, a construção de sua própria identidade.

Palavras-chave: Identidade; autoaceitação; Bairro Expoagra.

ABSTRACT

The process of identity construction is developed within relationships and social interaction, in dialogue, in culture, throughout our lives, for this reason, black identity is also established based on these issues. Given this, the present work aims to analyze how black people perceive themselves and what are the difficulties and conflicts of resistance and existence of this population in the municipality of Grajaú - MA today, specifically in the Expoagra neighborhood. Furthermore, I also seek to find out how a black person shows themselves within society, when it comes to identity, as well as how they see themselves and impose themselves; Understand the process of resistance, as a black person, within the historical, social and cultural context; as well as understanding the current perspective of certain concepts and prejudices towards black people in the Expoagra neighborhood. The research took place with eight members living in the Expoagra neighborhood, in the city of Grajaú - Maranhão, aged between 23 and 68 years old, in the form of a questionnaire, as well as in formal and informal conversations. Based on the data that was collected and analyzed, I could see that there is still a great reception, or even a lack of knowledge, on the part of many about what black culture is, as well as about historical processes. Furthermore, there are many deep-rooted prejudices, which make it difficult to understand the culture and, consequently, to build your own identity.

Keywords: Identity; self-acceptance; Expoagra neighborhood.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 A IDENTIDADE DO SER NEGRO NA SOCIEDADE	19
2.1 AUTOCONSCIÊNCIA DA IDENTIDADE NEGRA	23
2.3 RESISTÊNCIA E EXISTÊNCIA DO NEGRO NO CONVÍVIO SOCIAL	28
3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O NEGRO NO BAIRRO EXPOAGRA	30
3.1 REPENSANDO OS CONCEITOS E PRECONCEITOS: PERSPECTIVAS E MODIFICAÇÕES	33
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIA	38
APÊNDICE	42

1 INTRODUÇÃO

Em uma sociedade estruturalmente racista na qual vivemos onde a mesma normatizou frases e ações preconceituosas, em pleno século XXI, é comum pessoas negras ficarem receosas com relação à condição social, onde a maior dificuldade ainda é resistir e existir como negro dentro do convívio histórico, social e cultural.

Este trabalho busca analisar quais as dificuldades e os conflitos de resistência e existência de pessoas negras em sua construção da identidade no bairro Expoagra na cidade de Grajaú – MA na atualidade, bem como o negro se colocam e se veem dentro da sociedade, e assim mostrar a realidade atual, e, em geral, analisar as perspectivas atuais em relação a determinados conceitos e preconceitos. Desse modo, Bento (2002 p. 5) afirma que “[...] o branqueamento é constantemente apontado como um obstáculo da pessoa negra que, insatisfeito e desconfortável com seu estado como ser negro, busca declarar-se como branco, miscigenar-se com ele para se desfazer de seus atributos étnicos [...]”.

O Brasil é um país miscigenado, sendo assim, é constituído de diferentes etnias, com culturas, línguas e histórias distintas, e, por isso, também há muitos conflitos, visto que, a sociedade ainda não sabe lidar com as diferenças, e, diante desse contexto, é possível dizer que essas diferenças estão no nosso país desde os primórdios e acaba se tornando algo considerado por parte de um padrão social eurocêntrico.

É preciso abordar sobre a escravidão como um processo histórico de grande importância para entendermos os acontecimentos e como isso ainda reflete na atualidade. Sendo assim, Jaime Pinsky (2015) em seu livro “A escravidão no Brasil”, aponta que a escravidão no Brasil acontece em decorrência da “descoberta” do território pelos portugueses.

Explicando um pouco mais sobre a história da escravidão no Brasil, começou com a vinda dos portugueses no início do século XVI. Inicialmente, os colonizadores exploraram o trabalho indígena, mas a alta mortalidade e o

declínio das populações nativas levaram ao aumento da importação de africanos escravizados. A partir do século XVII, a produção de açúcar nas plantações do Nordeste brasileiro tornou-se uma das principais fontes de riqueza. O sistema de plantation, que exigia grandes quantidades de mão de obra, dependia fortemente dos africanos escravizados. No século XVIII, a mineração de ouro e pedras preciosas em Minas Gerais também utilizava o trabalho escravo em grande escala. No século XIX, com o crescimento das plantações de café no Sudeste, a escravidão continuou a ser uma base fundamental para a economia.

A vida dos escravizados era marcada por extrema dureza e violência. Eles eram forçados a trabalhar longas horas sob condições severas, com pouca ou nenhuma compensação. A legislação e as práticas sociais frequentemente desumanizavam os escravizados. Apesar das adversidades, os africanos e seus descendentes criaram formas de resistência, tanto pacífica quanto ativa. Isso incluiu revoltas, como a Revolta dos Malês e a Revolta de Canudos, e formas de resistência cotidiana, como a preservação de suas culturas e tradições, que influenciaram profundamente a cultura brasileira.

É possível descrever ainda sobre o movimento abolicionista (BBC NEWS, 2018), que no Brasil ganhou força no século XIX, impulsionado por pressões internas e externas. A abolição da escravidão foi promovida por uma combinação de esforços de ativistas, mudanças econômicas e pressões internacionais. Antes da abolição total, foram aprovadas leis parciais como a Lei do Ventre Livre (1871), que libertava os filhos de mulheres escravizadas, e a Lei dos Sexagenários (1885), que libertava escravizados com mais de 60 anos. Finalmente, em 13 de maio de 1888, foi promulgada a Lei Áurea, que aboliu a escravidão no Brasil de forma definitiva (BBC NEWS, 2018). A abolição foi um marco importante, mas a transição para a liberdade não foi acompanhada de políticas eficazes para a integração e suporte aos ex-escravizados. A abolição não resolveu as profundas desigualdades sociais e econômicas. (INSTITUTO UNIBANCO, SD) Ex-escravizados e seus descendentes enfrentaram discriminação e marginalização. O racismo e as disparidades sociais ainda são problemas significativos no Brasil.

A influência da cultura africana é uma parte essencial da identidade brasileira, visível na música, dança, religião e culinária, bem como, na própria língua portuguesa. Essa herança cultural é um testemunho da resiliência e da contribuição dos africanos escravizados para a sociedade brasileira (PORTAL RIO GRANDENSE,2024).

A escravidão no Brasil é um tema muito extenso e complexo, com um impacto duradouro que continua a moldar a sociedade brasileira até hoje. Nesse sentido, Santos (2018) afirma que:

Historicamente, o Brasil é uma nação constituída por diferentes etnias, com histórias, saberes, culturas e línguas próprias, porém, ainda não encontrou a forma de lidar com a diversidade. Por tal motivo, precisamos criar as condições necessárias para que as diferentes etnias desenvolvam a capacidade de assumir sua história e cultura. Este é um aspecto que só faz sentido se cada espaço destas representações for respeitado nas suas especificidades, e que acima de tudo o não negro considere o negro com direito a exercer a sua cidadania em toda a plenitude. (Santos, 2018, p. 15-16).

Complementando, somos movidos à aceitação que o outro impõe sobre nós, ou seja, temos uma necessidade do outro nos ver como diferente, de nos reconhecer como tal dentro do convívio social.

Desse modo, a construção da identidade passa por vários processos, que muitas vezes são impostos pela sociedade, ou seja, que devemos ocupar determinado lugar dentro da mesma. No entanto, acredito que também seja o processo de encontro do eu, de nos libertarmos, nos conhecermos e nos colocarmos como nós mesmos dentro da sociedade em que vivemos, assim dizendo, a identidade é individual, é o processo de aceitação de um ser dentro do convívio histórico, social e cultural, vai estabelecendo características fundamentais no processo de existência na sociedade, tornando-se, assim, também um processo coletivo, no sentido de afirmação e confirmação da identidade.

Para melhor compreendermos a questão da construção da identidade, Honneth (2003) em seu livro ""Luta por Reconhecimento", explora como a luta por reconhecimento é uma dinâmica fundamental para a formação da identidade individual e coletiva. Honneth argumenta que o reconhecimento social é essencial para o desenvolvimento do eu e para a integração nas

relações sociais. Ele destaca três formas principais de reconhecimento: o amor, o direito e a solidariedade. Cada uma dessas formas de reconhecimento é crucial para garantir a autoestima e a identidade das pessoas.

A constituição de uma consciência de si mesmo está ligada ao desenvolvimento da consciência dos significados, da sorte que ele lhe prepara de certo modo o caminho do processo da experiência individual: através da capacidade de suscitar em si o significado que a própria ação tem para o outro, abre-se para o sujeito, ao mesmo tempo, a possibilidade de considerar-se a si mesmo como objeto social das ações do seu parceiro de interação. Reagindo a mim mesmo, na percepção do meu próprio gesto vocal, da mesma maneira como meu defrontante o faz, eu me coloco numa perspectiva excêntrica, a partir do qual posso obter uma imagem de mim mesmo e, desse modo, chegar a uma consciência da minha identidade. (Honneth, 2003, p. 129-130).

A falta de reconhecimento pode levar a conflitos sociais e pessoais, e examina como as instituições sociais e políticas podem promover ou obstruir o reconhecimento adequado. Dentro disso, Honneth (2003) também discute a importância do reconhecimento mútuo para a justiça social e para a construção de uma sociedade mais coesa e igualitária.

A cidade de Grajaú, estado do Maranhão, cresce a cada dia, o seu nível de habitantes, assim como, as transformações sociais, culturais e econômicas. Em um contexto de modernidade, que segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) censo de 2022, mostra que mais da maioria da população grajauense se autodeclararam pretos ou pardos, sendo 6.336 pessoas pretas e 44.365 pessoas pardas. Entretanto, ainda é possível afirmar que se tem casos de racismo, com isso, se percebe a exclusão de um grupo considerado “inferior” por parte de outro considerado “padrão social”, que sofre com esses descasos, e sentem dificuldades para se aceitarem e se mostrarem (suas identidades, culturas e costumes) para uma sociedade que normalizou o racismo.

Para melhor compreender o objetivo proposto, trago um trecho do artigo de Lilia Schwarcz (2010 p. 74) que diz “uma pessoa pode definir-se mais ou menos branca em função daquele que faz a pergunta, do contexto em que se encontra, ou da situação econômica que vivencia.” O modo de abordagem com pessoas da etnia negra, que já se sentem inseguras em relação a se identificar como negro, por se tratar de um contexto que acontece desde de um período

histórico e que permanece na atualidade, isso faz com que as mesmas tenham uma resposta que estejam nos “padrões” da sociedade, ou seja, respostas que por falta dessa construção, desse conhecimento do que é ser e se mostrar como negro, acaba gerando respostas como: “eu não sou negro, sou pardo”, ou sou “mais ou menos branco”, são respostas que aproxima ainda mais o medo de aceitação, e os coloca em um ciclo de ver-se apenas como a sociedade impõe que seja. Para este trabalho, utilizou-se a metodologia de caráter qualitativo, onde GODOY (1995 p.21) diz que “a pesquisa qualitativa abrange um lugar legitimado entre as várias perspectivas de se estudar as ocorrências que rodeiam os seres humanos e seus complexos convívios sociais, determinadas em inúmeros espaços”.

. A pesquisa, aqui proposta, fará uso de entrevista e questionários com oito moradores negros jovens e idosos de 23 a 64 anos do bairro expoagra em Grajaú – Maranhão. Por uma questão de preservação da identidade dos entrevistados, descreverei os mesmos com nomes fictícios. Buscarei mostrar a perspectiva dos entrevistados sobre sua autoaceitação como pessoa negra, no processo de construção da identidade dentro do convívio social. A pesquisa feita no bairro Expoagra vem de uma curiosidade em analisar como se percebem as pessoas negras do bairro, bem como entender este processo, também por ser um bairro esquecido, onde a maioria das pessoas são baixa renda, isso foi um dos quesitos que fundamentaram este trabalho, assim como, foi um dos critérios para a escolha dos candidatos, que em sua maioria são baixa renda, também porque gostaria de analisar as diferentes concepções entre as faixas etárias.

O conceito de autoaceitação apontado neste trabalho, foi criado por mim, para que pudesse associar a questão da construção da identidade como aceitação do próprio indivíduo negro, no contexto social e cultural, onde há um grande receio em se firmar e se colocar como negros dentro determinados espaços.

Franz Fanon (2008) em seu livro “Pele negra, máscaras brancas”, explica que em uma sociedade na qual o representativo de pessoas brancas é visto como assertivo, o de pessoas negras é inconveniente. Diante disso, a

predisposição é que os negros, por temerem a não aceitação, assumem um papel contraditório à sua descendência para serem socialmente benquistos.

Isso ocorre porque há uma padronização do ser branco, que é colocado como “superior”. Isso reflete nos acontecimentos sociais, pois estimula o racismo, que coloca o negro como “inferior” dentro do convívio social, e dificulta a construção da identidade negra.

A identidade é construída dentro das relações e do convívio social, no diálogo, na cultura, durante toda a nossa vida, por esse motivo, a identidade negra também é estabelecida a partir destes. Nesse segmento, afirma GOMES (2002):

Nenhuma identidade é construída no isolamento, pelo contrário, é construída durante a vida toda por meio do diálogo, parcialmente interior e parcialmente exterior com os outros, ou seja, nas relações entre as pessoas, e é por esse processo que também passa a construção da identidade negra. (Gomes, 2002, p.16).

A construção da identidade é muito importante, pois com ela é possível afirmar-se e aceitar-se como pessoa que tem características e diferenças dentro do convívio social. Desse modo, pode ser visto como um diferencial, pois podemos nos posicionar e defendermos aquilo que acreditamos, seja no sentido cultural, econômico ou social.

No entanto, há várias implicações que muitas vezes a sociedade coloca o ser negro como inferior, quando o outro apenas tenta resistir e existir dentro desse convívio. Um exemplo é o racismo, onde ALMEIDA (p. 22) diz que “é uma forma organizada de discriminação que tem a raça como critério, e que se revela por meio de hábitos voluntários ou involuntários que terminam em desvantagens ou privilégios para determinadas pessoas,, a dependendo do grupo racial a qual está vinculado”.

As pessoas negras ainda sofrem com o racismo, por se tratar de um amplo problema social. O medo toma conta desses indivíduos que sofrem a cada instante críticas, preconceitos e até mesmo violências, resultando que pessoas negras ainda se preocupam em se mostrar, e temem a aceitar-se como negro.

O racismo tem um impacto profundo na construção da identidade, influenciando a maneira como indivíduos e grupos se veem e se relacionam com a sociedade, e pode prejudicar a autoimagem de indivíduos negros. A desvalorização e os estereótipos negativos podem levar a sentimentos de inadequação e baixa autoestima, dificultando a acessibilidade de sua própria identidade. Também pode-se criar barreiras para o pertencimento nas comunidades. Indivíduos que enfrentam discriminação podem se sentir isolados ou alienados, ou que afetam suas conexões sociais e culturais. Isso pode levar à busca de identidades alternativas ou subculturas como forma de resistência. (Unicef, 2023).

A identidade é individual é o processo de aceitação de um eu dentro do convívio histórico, social e cultural, estabelecendo características fundamentais no processo de existência na sociedade, pois somos movidos à aceitação que o outro impõe sobre nós, melhor dizendo, temos uma necessidade de o outro nos ver como diferente, de nos reconhecer como tal dentro do convívio social. Assim como para Elias (2001):

O indivíduo é compreendido como fruto de tensões, porque o eu, além de condicionado socialmente, é também autônomo. A tensão acontece porque aquilo que somos somente é confirmado com o reconhecimento do outro. Temos então uma necessidade de sermos reconhecidos pelo outro, de sermos reconhecidos como diferentes. Por isso, é uma psicologia histórica porque coloca no homem uma constante dependência do outro. (Elias, 2001, p. 29).

A construção da identidade passa por vários processos, que muitas vezes são impostos pela sociedade, ou seja, que devemos ocupar determinado lugar. No entanto acredito que também seja o processo de encontro do eu, de nos libertarmos, nos conhecermos e nos colocarmos como nós mesmo dentro da sociedade em que vivemos.

Em outra concepção:

Podemos compreender que a construção de identidades passa por um processo de subjetivação, em que, continuamente, somos impulsionados a ocupar um lugar, falar uma língua, vestir-nos em determinado estilo, adotar determinados valores, defender ideias comuns, enfim, sujeitar-nos a sermos sujeitos posicionados a partir de um conjunto de signos (e de enunciados) que nos caracterizam e nos identificam no mundo. (Hall, 2011, p. 32).

Nesse sentido busco relatar como esse processo de autoaceitação na construção da identidade negra acontece e se justifica em procurar intervenções que mude a perspectiva atual, que inspire pessoas negras, na construção de sua identidade social, de aceitar-se e lutar pelos seus propósitos. Assim como trazer um novo olhar para a sociedade, na tentativa de mudar pensamentos e convicções, uma vez que, vivemos em uma sociedade diversificada, e todos que habitam nela merecem ser livres, e não temerem se mostrar como são, e se colocarem numa posição que todos têm total direito.

Diante de todo o escrito acima, este trabalho tem como objetivo principal: analisar como as pessoas negras se percebem e quais as dificuldades e os conflitos de resistência e existência desta população do município de Grajaú - MA na atualidade, especificamente no bairro Expoagra. Além disso, busco também averiguar como a pessoa negra se mostra dentro da sociedade, se tratando de identidade, bem como ela se vê e se impõe; Compreender o processo de resistência, como negro, dentro do convívio histórico, social e cultural; bem como entender a perspectiva atual de determinados conceitos e preconceitos ao negro no bairro Expoagra.

Este trabalho está organizado em quatro seções, a seguir explicitado:

Na Seção 2, que tem como título a Identidade do ser negro na sociedade. Onde abordo sobre o período histórico da cidade de Grajaú - MA, bem como específico o surgimento do bairro Expoagra, que é o local onde a pesquisa foi realizada, bem como discuto sobre as concepções da identidade, utilizando autores que abordam sobre a questão.

Na Seção 3, Representações sociais sobre o negro no bairro expoagra. argumento o conceito de representação social, bem como discorro sobre os dados da pesquisa, analisando os temas propostos durante a pesquisa, especificamente sobre a construção da identidade negra no bairro expoagra.

Finalizo este trabalho na Seção 4, onde escrevo as Considerações finais, onde englobei todos os processos da pesquisa, assim como aponto os resultados da mesma para o cumprimento dos objetivos elaborados, destacando a importância deste escrito para a sociedade, para a autoaceitação

do ser negro na sua construção de identidade, que ainda sentem dificuldade em se definir neste processo.

2 A IDENTIDADE DO SER NERGO NA SOCIEDADE

Neste capítulo descrevo a história da cidade de Grajaú - Maranhão referenciado em Luz (2017), para melhor compreensão dos fatos ocorridos na história do município, especificando o bairro Expoagra, que é campo empírico desta pesquisa.

Apresento aqui uma breve história sobre o contexto histórico da cidade de Grajaú, Maranhão, e em específico sobre o surgimento do bairro Expoagra. Sendo assim, poderemos perceber a história muitas vezes contada de forma errônea, cito Luz (2017), que aborda claramente sobre os conflitos históricos para que possamos compreender os acontecimentos.

A cidade de Grajaú está situada no centro sul do Estado do Maranhão, com uma população de 73.872 habitantes (IBGE, 2022). A povoação no sul do Maranhão decorreu a começar pela frente conhecida como colonização do sertão maranhense, que despertou os migrantes sertanejos oriundos de outros estados vizinhos como o de Pernambuco, Ceará, Piauí e Bahia, que buscavam terras produtivas mais próximas as baixadas de rios caudalosos com pastos naturais para o crescimento da produção de gado a procura de condições melhores em suas jornadas.

A vista disso, o Sul do maranhão foi povoado por agricultores, fazendeiros e vaqueiros interessados por descobrir terras produtivas para o cultivo, e pastos para a produção de gado, tiveram contratempos por parte da resistência dos indígenas que já estavam no lugar ocupando decisivamente as localizações conquistadas, assim, gradualmente a região do Maranhão que era desconhecida foi se povoando, juntamente com a inserção das fazendas e vilas em decorrência do sangue do nativos que já estavam nas terras..

Foi em decorrência da busca contínua por terras baixas e produtivas com a ajuda de água doce favorável à amplificação bovina que muitos criadores de gado próximos do Estado do Maranhão se dispuseram e formaram um novo lugar chamado de Pastos Bons no Estado do Maranhão. (Luz, 2017)

Dessa forma, foi pelas expedições, para a procura de novos solos férteis e benéfica em bacias hidrográficas para a concretização de fazendas de gado e vilas para a ampliação do comércio, que o Alferes Antônio Francisco dos Reis, ao navegar pelo rio Grajaú até sua nascente, se firmou em sua margem direita dando a origem a fazenda Porto da Chapada em 29 de Abril de 1811, que hoje a chamamos de Grajaú acompanhado de 40 civis e militares. “Antonio Francisco dos Reis, trazendo seus vários cooperantes para esta aventura e percorreu o rio, com grande volume de água até que se tornou navegável e em um ambiente bem agradável deu origem um povoamento denominado de “Porto da Chapada” (Luz, 2017).

Assim sendo, com a origem do Porto da Chapada denominada atualmente como cidade de Grajaú, o percurso até São Luís ficava evidentemente acessível via fluvial pelo rio Grajaú, estando aberto aos movimentos, que por mais de dois séculos por barcas e canoas movimentaram pessoas, mercadorias, e culturas, resultando em um artifício apropriado para os colonizadores por proporcionar a saída e compra de mercadorias à Capital da Província e para outras Províncias nas proximidades assim como a respectiva região de Pastos Bons. (Luz, 2017).

A partir disto, a cidade de Grajaú aos poucos vai se desenvolvendo economicamente em decorrência da força da navegação no rio, e isso modificou o mais importante empório comercial da região Centro-Sul do Estado, passando Caxias, por exibir uma promissora posição geográfica no que se refere a associação com a Província e as regiões sertanejas. Desse modo, na capital São Luís os predecessores do rio Grajaú armazenavam os produtos que seriam necessários para o modo que os agricultores do interior do Maranhão próximo a Grajaú não precisavam mais se encaminhar até a vila de Caxias para realizar suas compras. (Luz, 2017).

É possível dizer que para a colonização e origem do Porto da Chapada, bem como em outros lugares do Maranhão e Estados do Brasil, os enfrentamentos entre os indígenas e não indígenas foram aguçados, consequência da ocupação de terras e mecanismos da população nativa.

É importante enfatizar a fala de Luz (2017), no que diz respeito a história de Grajaú, sendo contada através de outra visão, um olhar mais lógico da história da cidade. sendo assim a autora discorre que:

É lamentável que a nossa história seja marcada pelo extermínio de várias tribos em todo o território brasileiro, na qual os brancos são apontados como fundadores e “descobridores” de terras, quando na verdade essas terras já eram povoadas e conhecidas por homens e mulheres rotulados por nossos colonizadores de índios, sendo enganados escravizados e vistos como violentos. [...] A história de Grajaú na maioria das vezes é contada e conhecida por seus moradores enfatizando apenas o acontecimento de 1814 tendo os indígenas como vilões da história, o que deveria ser analisado a partir dos dois lados, já que os colonizadores tomaram à força suas terras e todos os seus recursos naturais existentes, dizimando tribos e culturas que viviam às margens do rio Grajaú. (Luz, 2017, p. 33).

Contudo, mesmo com esse fato, o Porto da Chapada não poderia deixar de ser criado, por conta da interferência comercial e econômica que desempenhava no Sul do Estado, contribuindo para que os colonizadores se organizassem para uma segunda exploração com o propósito de conquistar definitivamente a terra dos Timbiras¹.

Por conseguinte, a origem do município de Grajaú acontece em decorrência de fortes conflitos entre colonizadores, fazendeiros e os indígenas, onde os agricultores embora em algumas ocasiões serem derrotados pelos indígenas, ainda assim gradualmente tiveram vantagem sobretudo pelo porte de armas de fogo, que proporcionou a efetiva propriedade das terras indígenas com a definição de fazendas e povoações que foi se organizando a cidade de Grajaú. (Luz, 2017).

Segundo Araújo (2024), o bairro Expoagra, em Grajaú - Maranhão, é um dos bairros mais antigos da cidade e recebeu esse nome, justamente, por causa da grande festa de exposição agropecuária que ocorre todos os anos na cidade, especificamente no mês de julho, Parque Zézé Santos. Com isso, a popularização da festa e a identificação com o setor foi se solidificando com o nome Bairro Expoagra, esse evento desempenhou um papel importante na formação e no desenvolvimento da área. (Araújo, No prelo). Em outras palavras, ocorreu a partir da necessidade de expansão urbana e de

¹ Conjunto de povos falantes de línguas classificadas na família linguística Timbira dentro do tronco linguístico Macro jê.

modernização da infraestrutura da cidade. Araújo (2024), diz que tudo começou com a criação do aeroporto Eduardo Gomes no início do século XX. Assim, as famílias começaram a se alojar no setor, formando a primeira rua denominada Rua da Garrota.

Um dos grandes responsáveis pelo povoamento do bairro foi Paulo Ferraz de Souza, o mesmo era guarda-campo do aeroporto Eduardo Gomes, era responsável por essas terras e na medida em que chegava um imigrante ele o acolhia, formava ruas, e as nomeava com nomes de pessoas ilustres de Grajaú. Também, para ajudar no crescimento e desenvolvimento do setor, o alojamento do Departamento de Rodovias do Estado do Maranhão, Der-MA que também se instalou nesse setor, foi um grande aliado. O setor passou a ser chamado de aeroporto. (ARAÚJO, No prelo)

Desse modo, a realização da Expoagra contribuiu para o crescimento da cidade e para a necessidade de novas áreas urbanas. O bairro Expoagra surgiu como uma resposta a essa demanda, oferecendo infraestrutura adequada para acomodar a expansão da população e as novas oportunidades econômicas criadas pelo evento. Com o crescimento da cidade e a realização de eventos como a Expoagra, houve um esforço para melhorar a infraestrutura urbana. O bairro Expoagra foi planejado para atender às novas necessidades habitacionais e comerciais, incorporando áreas residenciais, comerciais e espaços para eventos. O desenvolvimento do bairro também recebeu o impulso de investimentos locais e do apoio de políticos e empresários que viam o potencial econômico da cidade e a importância de modernizar a infraestrutura urbana.

Sendo assim, o bairro Expoagra em Grajaú, Maranhão, é um exemplo de como eventos regionais e necessidades econômicas podem influenciar o desenvolvimento urbano, criando novas áreas que atendem tanto às demandas habitacionais quanto às oportunidades geradas por eventos significativos. As pessoas que moram neste bairro são na maioria pessoas humildes e há muitos moradores negros, o bairro por muitas vezes é deixado de lado, esquecido por não ser o bairro nobre, o que acaba ser uma forma de repressão.

À vista disso, na sociedade Grajauense podemos dizer que as pessoas negras são membros e autores da sua própria vida, construindo assim sua própria identidade, porém por vários motivos, desconhecem sua cultura e mecanismos de reivindicação de direitos. Por conseguinte, Santos (2018, p. 15) aponta que “a construção de uma identidade negra consciente, na qual o negro seja visto e se enxergue não apenas como objeto da história e coisificação, mas como sujeito atuante e participe de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro”.

Diante disso, abordarei a questão da construção da identidade negra na sociedade, onde o indivíduo sempre busca ser aceito dentro do convívio social, onde a pessoa negra, por diferentes concepções e medo, a mesma acaba se aceitando ou se vendo como pardo, ou menos negro. Ademais, explicar como o preconceito e suas implicações dificultam ainda mais este processo.

2.1 AUTOCONSCIÊNCIA DA IDENTIDADE NEGRA

A construção da identidade negra é conflituosa, pois o Brasil é um país estruturalmente racista, e com isso, pode se dizer que essa construção carrega muitos significados, como já dito, são as relações de vivências sociais e culturais que transformam a identidade, e por isso se torna bastante complicada, pois a sociedade traz consigo um preconceito, ou mesmo um racismo velado. Na concepção de Santos (2012):

A construção da identidade negra é um processo que abrange vários significados, ou seja, passa por transformação, a partir de vivências sociais e culturais, e por isso se torna conflituoso o processo de mostra-se como negro dentro do convívio social, que apresenta vários problemas e preconceitos. [...] Mas declarar-se negro é menos comum do que se espera, uma vez que a identidade negra é aqui entendida, trata-se de um processo a ser construído historicamente em uma sociedade que padece de um racismo disfarçado. (SANTOS, 2012, p. 08).

No mesmo sentido Gomes afirma que:

A identidade negra é como uma construção social, histórica e cultural cheia de densidade, conflito e diálogo. Significa construir a aparência de uma raça/etnia ou sujeitos pertencentes a uma mesma raça/etnia a partir da relação entre si. Ao enfrentar a outra parte, essa aparência

será aberta automaticamente, porque apenas a outra parte desafia nossa própria identidade. (GOMES, 2002, p. 39).

A partir disto, outro ponto a ser considerado como importante na construção da identidade negra, é a sua experiência no âmbito escolar, pois é o local onde a pessoa negra começa a se perceber, e entender suas diferenças com base em experiências que são vividas na escola. Segundo Gomes (2002):

A identidade negra também é construída durante a trajetória escolar desses sujeitos. Nesse percurso, o negro e a negra deparam-se, na escola, com diferentes olhares sobre o seu pertencimento racial, sobre a sua cultura e a sua história. Muitas vezes esses olhares chocam-se com a sua própria visão e experiência da negritude. Estamos no complexo campo das identidades e das alteridades, das semelhanças e diferenças e, sobretudo, das diversas maneiras como estas são tratadas. (GOMES, 2002, p. 39-40).

Em outras palavras, seguindo o raciocínio de Gomes (2002), é importante lembrar que a identidade estabelecida pelos negros não se opõe apenas aos brancos, mas também se dá por meio de negociações, conflitos e diálogos com os brancos. A diferença implica um processo de aproximação e distanciamento. Nesse jogo complexo, aos poucos aprendemos que as diferenças determinam os contornos da nossa identidade.

Dessa forma, podemos acrescentar ainda que “O racismo segundo Fernandes e Souza (2016) dificulta o diálogo entre os diferentes grupos que compõem a sociedade brasileira, pois o racismo cria fronteiras simbólicas estritas e estabelece dualismo identitário, ou seja, a identificação do “ser negro” e a identificação do “ser branco”. Com base no estereótipo negativo do primeiro e no estereótipo positivo do último. Portanto, o racismo nega ou mistifica outra forma de população negra, estereotipou-a e atribuiu-a a natureza da inferioridade e da malícia, sem perceber suas diferenças”.

Perante o exposto, é importante abordar que como afirma Ferreira e Camargo (2011) “Ao evitar se identificar como negro expressou-se um fenômeno muito estranho no Brasil. A elite brasileira se auto identificou como branca e presumiu que os brancos europeus representavam superioridade racial. Pelo contrário, os negros são geralmente considerados racial e culturalmente inferiores”.

Em síntese é interessante comentar que é o corpo como processo de aceitação e construção da identidade, para que se possa construir a mesma em valores positivos e harmonia em sua organização psicologia, acrescentando Ferreira e Camargo (2011) que dizem:

O indivíduo, necessariamente, tem que vivificar seu corpo como fonte de vida e prazer para que possa construir uma identidade centrada em valores positivos, experimentando, assim, harmonia em sua estrutura psíquica. O expurgo da cor, por parte do indivíduo negro, portanto, se dá em uma dimensão muito mais nociva de autorrejeição quando atinge a esfera do corpo. O sujeito que não consegue oferecer absolvição ao próprio corpo pelos sofrimentos que este lhe impõe começa a ter no corpo um perseguidor implacável que traz uma gama de sentimentos relacionados à dor e à morte. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 378).

Para Pinto e Ferreira (2014), devido ao processo de desvalorização dos negros, os afrodescendentes tendem a apresentar visões dominantes do mundo branco, consideradas superiores. Como resultado, eles tendem a desvalorizar o mundo negro ou pense que o fato de serem afrodescendentes é insignificante para suas vidas.

Nesse sentido, vale acrescentar que o processo de construção da identidade, perpassa por vários processos, onde a pessoa, seja ela negra ou branca, irá criando vivências e valores obtidos pela experiência social, no contexto ou situação em que se encontra para a estruturação de sua identidade.

Outro ponto que acredito ser importante comentar é a ideia de que um indivíduo só consegue desenvolver uma consciência plena de si mesmo ao perceber suas próprias ações a partir da perspectiva de outra pessoa (HONNETH, 2003). Em outras palavras, a autoconsciência surge não apenas da auto-observação, mas também da interação com outros. Como exemplificado no trecho a seguir:

[...] um sujeito só pode adquirir uma consciência de si mesmo na medida em que ele aprende a perceber sua própria ação da perspectiva, simbolicamente representada, de uma segunda pessoa. Essa tese representa o primeiro passo para uma fundamentação naturalista da teoria do reconhecimento de Hegel, no sentido de que pode indicar o mecanismo psíquico que torna o desenvolvimento da autoconsciência dependente da existência de um segundo sujeito: sem a experiência de um parceiro de interação que lhe reagisse, um indivíduo não estaria em condições de influir sobre si mesmo com base em manifestações auto perceptíveis, de modo que aprendesse a

entender aí suas reações como produções da própria pessoa. (HONNETH, 2003, p. 131).

A teoria mencionada, que se inspira em Hegel, sugere que a autoconsciência é construída através da interação social. Se uma pessoa não tiver um parceiro social que reaja às suas ações, ela não conseguiria refletir sobre suas próprias reações e entender essas reações como produtos de suas próprias ações. Assim, a presença e o reconhecimento de outro sujeito são fundamentais para o desenvolvimento da autoconsciência.

Em decorrência disto é possível defender, e a própria teoria nos diz, que a consciência de si mesmo depende de um processo social e interativo, onde o feedback do outro é essencial para que o indivíduo perceba e compreenda suas próprias ações e reações.

2.2 CONCEPÇÕES DO PRECONCEITO

O preconceito é outro fator que implica na auto-aceitação do negro em sua construção da identidade, pois cria medos e traumas para essas pessoas que já trazem consigo um histórico de experiência com esse preconceito sobre suas características. Por conseguinte, Ferreira e Camargo (2011, p. 376) afirmam que “O preconceito racial aplica-se aqui como um julgamento valioso que foi construído culturalmente e sem uma base objetiva, que faz parte da classe persuasiva que foi desenvolvida pela socialização”.

Ferreira e Camargo (2011) acrescentam também que:

preconceito racial, no Brasil, foi historicamente construído a partir da interação entre dois grupos: o colonizador europeu que assumiu uma concepção de mundo considerada superior e que, em decorrência, estigmatizou outros grupos, nesse caso, os não brancos, caracterizando-os como de qualidade inferior, crença que passou a ter a função de justificar a dominação sobre eles. À medida que os grupos dominados passam a compartilhar das crenças sobre si mesmos e se submetem à dominação, o processo passa a ser legitimado. (FERREIRA; CAMARGO, 2011, p. 376).

Por esse motivo, é possível afirmar que devido a esse preconceito, as pessoas negras se julgam menos aceitas, o que também dificulta no seu próprio processo de aceitação do seu corpo, cor, valores e sua identidade, pois se determinado grupo de pessoas brancas, que por estruturalmente /socialmente, serem consideradas “superiores”, pensam estarem no direito de

determinar quem deve ser aceito ou não, por esse motivo criam medos e dificuldades nas pessoas negras, que já possuem suas inquietações sobre o caso comentado acima.

Em razão disto, Bandeira e Batista (2002) reiteram que “O preconceito pode ser uma “máquina de guerra” presente nas relações sociais diárias. O preconceito, geralmente incorporado e credenciado, é a mola central e o mais eficaz reprodutor de discriminação e exclusão, consequentemente da violência”.

Ainda se pode dizer que socialmente, o preconceito reflete de forma prejudicial, o incentivo do racismo que é umas das formas desse preconceito que muitas vezes aparece de forma velada dentro da nossa sociedade, e por vez, prejudica uma comunidade que ainda tenta resistir a todos esses conflitos de sua própria identidade para assim existir. Ademais, Ferreira e Camargo (2011, p. 380) colocam que:

podemos considerar os adjetivos de depreciação associados à imagem da pessoa negra em relação às suas características fenotípicas. Isso acontece nas situações mais comuns e favorece a valorização da estética de pessoas da pele branca e cabelo liso, como padrão considerado bonito. (Ferreira e Camargo, 2011, p. 380)

Podemos perceber isso na realidade grajauense através de algumas falas dos entrevistados, como por exemplo Bruna², diz que “não me aceitavam, minhas origens, por exemplo, vivi muitos anos com cabelo alisado por questão de ter medo de não ser aceita na sociedade a qual participava, no meio de amigos que a maioria eram brancas de cabelos lisos.” Bem como, esta outra entrevistada Joana ³ afirma que sua mãe tinha o cabelo bom que nem índio, e a mesma puxou o cabelo ruim pro pai dela, isso pode ser abordado como um racismo arraigado, naturalizado onde se tem a ideia do “cabelo ruim” e o bom. Outro fator Importante a ser citado é que a maioria dos entrevistados falam sobre não ter sofrido racismo, mas presenciado, e afirmam que existe muito racismo no Brasil, isso talvez aconteça porque as pessoas não percebem a maneira sutil de como o racismo se revela.

² 26 anos, graduada em Ciências humanas/ geografia.

³ 63 anos, dona de casa.

É importante citar, que isso vai enfatizando o racismo novamente como um dos fatores principais do crescimento do preconceito sobre a pessoa negra, colocando em pauta Savazzoni (2015) onde a mesma aborda que:

O racismo, na atualidade, se assenta principalmente na ideia de que as desigualdades entre os seres humanos estariam fundadas na diferença biológica, na natureza e na constituição mesma do ser humano. Tal postura se diferencia da conduta dos tempos medievos e antigos, quando os indivíduos se distinguem por meio da hierarquia do poder político e da desigualdade das classes sociais, especificamente. (SAVAZZONI, 2015, p. 42).

É possível dizer ainda que esse preconceito e o racismo são retratados em formas de “brincadeiras”, frases pejorativas e expressões que findam em mais conflitos para as pessoas que sofrem com ele. Assim sendo, devemos tentar mudar essa realidade que não é alheia a nossa, faz parte de toda a nossa sociedade.

Complementando Savazzoni (2015) expressa que:

Disso se pode inferir que será somente em face de uma mudança do pensamento de toda a sociedade, considerando-se a possibilidade do alcance igualitário, sobretudo econômico e político, que se haverá de proporcionar a diminuição vertiginosa, rumo à extinção, da vil atitude do racismo. A lei, por si só, como nos tempos do império, não tem essa capacidade de transformação. (SAVAZZONI, 2015, p. 53).

É importante ressaltar a importância de que a resistência e a resiliência são processos fundamentais na experiência de pessoas negras. Organizações, movimentos e indivíduos têm trabalhado incansavelmente para desafiar e desmantelar as estruturas de racismo, promovendo a justiça social, a igualdade e a valorização das identidades negras. A construção de comunidades fortes e a promoção de uma maior compreensão intercultural são passos essenciais para superar os conflitos de identidade e o racismo.

2.3 RESISTENCIA E EXISTENCIA DO NEGRO NO CONVÍVIO SOCIAL

Sabemos que a luta contra o racismo e/ou preconceitos não é um processo da atualidade, isso acontece desde a escravidão. Com isso, podemos perceber também que a resistência do povo de etnia negra, acontece desde o

mesmo período, tentativas de um processo de existência por um espaço que é seu por direito, dentro de sua cultura, costumes, bem como no convívio social.

Há tempos pessoas da etnia negra lutam, persistem e resistem por um lugar que é seu por direito dentro do contexto social, cultural, social e até mesmo econômico ainda nos dias atuais sofrem com uma infinidade de preconceitos sobre sua cor, sua cultura e costumes, como abordado acima, lutam vivem e sobrevivem para que assim possam existir.

Mas porque tamanha crueldade por parte daqueles que se julgam superiores? Essa é uma questão a ser refletida. Como e por que a humanidade se tornou ou sempre foi tóxica?

Franz Fanon (2008) nos diz que “o branco está fechado na sua brancura”, isso está relacionado ao contexto histórico onde o negro sempre foi visto como “inferior”, desde ou até mesmo antes do período da escravidão. E isso faz com que pessoas negras tenham o “desejo” de se apresentarem como “moreno” ou mesmo queiram se tornar brancos, por causa de um contexto histórico injusto.

Outros resistem e lutam por sua identidade, sua cultura e assim constroem uma resistência, ou criam movimentos negros para se reafirmarem como negros, o que acaba por se tornar um ato político e social de resistência.

Ou seja, a busca da identidade parece um caminho para entrar na história, para coexistir, para unir-se e construir junto com os outros. [...] A identidade do mundo negro se inscreve no real sob a forma de "exclusão". Ser negro é ser excluído. Por isso, sem minimizar os outros fatores, persistimos em afirmar que a identidade afro-brasileira mais abrangente seria a identidade política, de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica (MUNANGA, 1990, p.113).

3 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O NEGRO NO BAIRRO EXPOAGRA

É importante abordar o conceito de representação social na teoria de Serge Moscovici discutida por Sêga (2000) que discorre sobre essas representações que se mostram como uma forma de pensar e explicar a realidade do dia a dia, um aspecto da compreensão do exercício intelectual que é estabelecido pelos sujeitos e pelos grupos para que se possa firmar seus lugares nos quesito de situações, acontecimentos, objetos, comunicabilidade que lhes interessam.

[...] O social intervém de várias formas: pelo contexto concreto no qual se situam os grupos e pessoas, pela comunicação que se estabelece entre eles, pelo quadro de apreensão que fornece sua bagagem cultural, pelos códigos, símbolos, valores e ideologias ligados às posições e vinculações sociais específicas. [...] (SÊGA, 2000, p. 128)

Nesse sentido, as representações sociais são apreendidas a partir do lugar e dos papéis que as pessoas desempenham na sociedade. Como Sêga (2000) nos diz: toda representação social é reprodução de algo ou alguém. A mesma não se estabelece na cópia do ideal, nem mesmo no segmento característico do objeto, também não ocorre na finalidade do sujeito, mas acontece no andamento no qual forma a relação entre as sociedades e as coisas.

Diante do discutido, a identidade negra frequentemente envolve uma luta para reconciliar o orgulho cultural e histórico com a opressão histórica. A diáspora africana e a escravidão que deixaram marcas profundas na identidade dos descendentes africanos, que muitas vezes precisam lidar com a perda de conexões culturais e a necessidade de reconstruir uma identidade em um contexto de marginalização.

A representação da identidade negra na mídia e na cultura conhecida muitas vezes é marcada por estereótipos que limitam a complexidade da experiência negra (PORTAL DA COMUNICAÇÃO, 2023). Essa simplificação pode afetar a forma como os indivíduos se veem e como são vistos pelos outros, causando conflitos entre a autoimagem e a imagem projetada socialmente.

Em muitos casos, há uma pressão para se conformar aos padrões dominantes da sociedade, que frequentemente são baseados em normas eurocêntricas. Isso pode criar um conflito interno, onde indivíduos negros podem sentir a necessidade de se ajustar para serem aceitos ou bem-sucedidos, muitas vezes às custas de suas próprias identidades culturais e pessoais.

A luta para aceitar e valorizar a própria identidade negra pode ser uma batalha constante. Isso inclui enfrentar e superar os impactos do racismo internalizado, onde os indivíduos podem adotar crenças e atitudes negativas sobre si mesmos ou sua comunidade devido à opressão que enfrentam. É necessário abordar sobre o enfrentamento da busca pela construção da identidade. Dentro da pesquisa é possível perceber que há uma grande dificuldade, por diversos motivos advindos do passado, que refletem bastante na atualidade, que muitas são deixadas de lado por não entenderam o seu processo de idealização, também por ter um sentimento de não saber de onde vem, isso reflete no que diz respeito ao racismo estrutural, que às vezes não é percebido. A forma como a sociedade dispara preconceito é o que vai refletir na construção de uma identidade deteriorada. Como nesse trecho onde um dos entrevistados aborda sobre o assunto discorrido acima, Pedro⁴ diz: “Não exatamente, eu tenho assim alguns sentimentos que às vezes eu mesmo não sei me colocar em determinadas situações, mas o único culpado sou eu mesmo, então não me sinto reprimido.”

Contudo, é preciso falar sobre a consciência racial, que segundo Monteiro (2014) “a consciência racial se for apreendida negativamente pode interferir na construção da identidade daqueles que sofrem com o preconceito e a discriminação racial no seu espaço social.”

Ou seja, quando não se constrói essa consciência racial, isso vai interferir no processo de entendimento da sua identidade, bem como outros fatores, cria-se um distanciamento do querer se definir e construir a identidade negra, sobre a cultura, a religião, onde as religiões de matrizes africanas são sempre vistas com um grande preconceito, por, simplesmente, não entenderem

⁴ 23 anos, acadêmico do curso de direito.

o contexto histórico e cultural, estes acontecimentos foram analisados durante a pesquisa, as pessoas entrevistadas, ao se tratar de religião, costumam não opinar ou não querer responder, por um preconceito enraizado.

Ao falar sobre as religiões de matrizes africanas, como o candomblé e umbanda, sempre falam de forma pejorativa, por simplesmente não ter conhecimento sobre essas religiões ou por um preconceito histórico e socialmente criado, abordando sempre termos utilizados popularmente como, “macumba” (rituais feitos a partir da crença) ou “coisa do diabo”, se referindo a estas crenças dificultando o processo de uma identidade social histórica e cultural que é tão necessária.

No bairro Expoagra, existe um terreiro de umbanda no qual acontece todos os anos, especificamente no dia 04 de outubro, uma festa em comemoração ao santo padroeiro da tenda, o São Francisco, e quase todas as pessoas do bairro frequentam, pois na festa tem banda e bebidas, a festa se encerra com a caminhada nas ruas do bairro com velas e etc, como forma de celebrar o dia do padroeiro. . Muitos moradores do bairro participam, entretanto não assumem que estão fazendo parte, além disso, fazem a leitura que tal manifestação é uma festa qualquer e não reconhecem como manifestação de fé do terreiro de Umbanda. Por sua, este terreiro pelo que pude analisar é a única forma de representação negra no bairro, não há movimentos que incluam a cultura negra dentro do espaço social, acredito que por ser um bairro esquecido, politicamente.

Diante disso, é possível perceber que as pessoas criam um preconceito sobre os acontecimentos da religião, como os seus rituais e celebração, julgam como se não fosse uma religião como outra qualquer, com dogmas e doutrinas, mas participam dos eventos da mesma, sem ao menos saber como funciona os processos que moldam ou que fazem o evento acontecer, cria, a partir disso, uma ideia de “bem e mal” por parte das próprias pessoas, que por falta de informações ou por preconceito, passam a acreditar fielmente nisso.

É importante notar que durante o processo da pesquisa, a maioria dos entrevistados dizem não ter sofrido racismo, mas presenciado, apesar de falarem sobre existir racismo no Brasil. A esse respeito, trago o caso de dois entrevistados, de Dona Joana e Pedro. Dona Joana diz que para ela está tudo igual, mas a mesma não sai de casa, por isso não sofre esse tipo de preconceito. Já o entrevistado Pedro, disse que já sofreu racismo, em sua fala diz: “já sofri um caso de racismo e foi bem surpreso para mim, porque veio de uma pessoa de alto status social que no caso, foi de uma juíza. Então eu me senti muito humilhado, foi realmente muito assim, triste.” Não houve denúncia por parte dele, esse fato pode ser articulado ao fato do mesmo não conseguir se encaixar, como dito em sua fala no comentário anterior.⁵

Durante o surgimento da pesquisa, é interessante notar a questão da representatividade como um modo de construção da identidade, pois percebe-se uma carência da representatividade negra, praticamente todos os entrevistados disseram que votariam em pessoas negras, no entanto, nunca votaram. Segundo o TSE, na última eleição do ano de 2020, cerca de 19,08% dos candidatos eram negros, ou seja, 33 pessoas, neste ano de 2024, apenas 13 pessoas negras. Vale destacar que o ato de não votar nesses candidatos não partiu, necessariamente, dos entrevistados, mas talvez isso ocorreu pela falta de apoio, ou por questões financeiras dos próprios candidatos, onde os mesmo não conseguiram realizar suas campanhas, ou passaram despercebidos, e por isso não conseguiram chegar ao público. Isso se articula muito com a falta de uma representatividade negra, politicamente falando, por essas questões citadas acima.

3.1 REPENSANDO OS CONCEITOS E PRECONCEITOS: PERSPECTIVAS E MODIFICAÇÕES

Para que se possa repensar e analisar os conceitos e preconceitos raciais, é preciso ensinar os processos históricos de lutas, sofrimento, mas também de resistência primeiro, para isso Munanga (2012) diz que é preciso entender importância de conhecer a história da África e a história do negro no

⁵ Comentário exposto na p. 27

Brasil a partir de outras colocações e posturas epistemológicas, desfazendo a visão depreciativa do negro, para que se possam oferecer contribuições para a criação de uma verdadeira identidade negra, na qual as pessoas negras sejam visto não apenas como objeto de história, mas sim como sujeito participativo de todo o processo de construção da cultura e do povo brasileiro, apesar das desigualdades raciais resultantes do processo discriminatório. Além disso, é importante acrescentar a questão cultural e social, para que se possa construir a identidade negra, que por vários motivos, já citados neste trabalho, é conflituosa, trazendo ainda mais dificuldades para as pessoas idealizarem sua identidade negra.

Nos dias atuais, as discriminações e impertinências permanecem iguais, mesmo depois da nova Constituição Federal de 1988, a qual refere-se ao surgimento da laicidade do Estado. Por conseguinte, a carta magna garante o direito de liberdade a qualquer reverência ou religião, em decorrência disto proíbe em seu art. 19, inciso I, que o Estado tenha ligações ou vínculos de comprometimento com qualquer culto e que impeça o cumprimento de devoção de qualquer caráter. Sendo assim, é com o art. 5º, VI, dos direitos e atribuições indispensáveis, que se reconhece a autonomia de crença, a independência do culto e de instituições religiosas.

Ademais, Leite e Pinheiro (2017), descrevem que o Código Penal Brasileiro de 1940 com a Lei nº 9.459/1997, declara violação a prática de injúria ou discriminação contra religiões, como está estabelecido no artigo 203; bem como está mencionado no mesmo Código, no capítulo I Dos Crimes Contra o Sentimento Religioso, art. 208, penalidade ao desacato ao culto e impedição ou desordem de ato a ele referido.

Guimarães (2004) aborda sobre como o preconceito racial é uma forma de discriminação baseada na cor da pele, origem étnica ou características físicas associadas a uma determinada raça. Ele se manifesta em atitudes, comportamentos e sistemas que favorecem certos grupos étnicos em detrimento de outros, levando a desigualdades e injustiças sociais.

Esse tipo de preconceito pode ocorrer de várias formas, desde piadas e comentários depreciativos até práticas institucionais que perpetuam a

desigualdade. A injúria racial pode afligir várias perspectivas da vida das pessoas, como possibilidades de emprego, ensino, bem-estar e direito.

As raízes do preconceito racial muitas vezes estão ligadas a estereótipos e conceitos errôneos sobre certos grupos étnicos. Esses estereótipos podem ser alimentados por histórias e narrativas que distorcem ou simplificam a complexidade cultural e histórica dos grupos envolvidos.

É de fundamental importância reconhecer o preconceito racial para que se possa combatê-lo de forma efetiva, sabemos que é uma questão complexa e árdua. Isso também envolve a educação, um diálogo que seja mais aberto e haja proliferação de políticas e com práticas que garantem igualdade e justiça para todos, e que ocorra independentemente da raça ou etnia. O entendimento, a compreensão e o empenho geral nesta circunstância são imprescindíveis para que de certa forma supere as dificuldades do preconceito e assim criar uma sociedade mais inclusiva, justa e equitativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção da identidade é uma questão muito delicada e um processo contínuo, advindos e desenvolvidos no meio social, histórico e cultural, como discutido no decorrer desta pesquisa, e através disso podemos evidenciar os resultados obtidos através dos objetivos gerais e específicos desta pesquisa, que foram analisar como as pessoas negras se percebem e quais as dificuldades e os conflitos de resistência e existência desta população do município de Grajaú - MA na atualidade, especificamente no bairro Expoagra onde especifiquei o período histórico do surgimento do mesmo. Além disso, busquei também averiguar como as pessoas negras se mostram dentro da sociedade, se tratando de identidade. Assim, como pude compreender o processo de resistência, sobre como as pessoas negras se veem e se mostram, dentro do convívio social e cultural, e, a partir disso, entender a perspectiva atual de determinados assuntos relacionados a construção da identidade, e como os conceitos e preconceitos ao negro influenciam neste processo.

No decorrer desta pesquisa, percebi que ainda há um grande receio, ou até mesmo, uma falta de conhecimentos por parte de muitos sobre o que é a cultura negra, sobre os processos históricos, também percebe-se que há muitos preconceitos enraizados, o que por muitas vezes dificulta o conhecer sobre a cultura e conseqüentemente sobre a sua própria construção da identidade. É perceptível que ainda há um grande receio ao falar das religiões de raízes africanas como o candomblé e umbanda, como, por exemplo, dois dos entrevistados consideram o candomblé e umbanda como coisas do “mal”, por não conhecerem ou por puro preconceito. Acredito que a construção da identidade negra ainda é um assunto dos quais muitos se guardam, por desconhecer sua própria cultura, ou por um grande preconceito que foi construído historicamente e se apresenta nos dias atuais, às vezes de forma explícita, outras vezes como um racismo velado.

A maioria das pessoas entrevistadas, se consideram católicas, acredito que isso diz muito sobre a grande questão citada acima, as religiões de

matrizes africanas, o receio e preconceito em falar sobre, por seguirem uma religião considerada universal (a religião católica).

Essa resistência em se afirmar está implícita no quesito conhecer, se apropriar e valorizar a cultura negra que por muitos ainda é desconhecida. Como por exemplo, desconhecer as leis raciais e de cotas, que acredito ser muito importante, e muitos temem a utilização desses direitos, por considerar desnecessário. Essas leis são o resultado de várias lutas e resistência e existência das pessoas negras no convívio da sociedade em um longo período histórico, cultural e social.

Concluindo, acredito plenamente que os objetivos desta pesquisa foram atingidos em cada capítulo deste trabalho, onde me propiciou muitos aprendizados. Ademais, é possível dizer que há muito ainda a ser pesquisado e analisado, para que se possa entender a construção da identidade negra, onde muitos se guardam, mas que ao decorrer da pesquisa, os entrevistados puderam perceber como há muito a ser construído, mesmo com a modernidade, ainda existe muito racismo no Brasil, e muitas vezes passa despercebido, ou já está enraizado.

REFERÊNCIA

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p. (Feminismos Plurais / Coordenação Djamila Ribeiro).

ARAÚJO, Pedro Magalhães de. **História do meu bairro**. No prelo.

BANDEIRA, LOURDES; BATISTA, ANALÍA SORIA. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119-141, jan. 2002. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2002000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 28 Abr. 2021.

BRANQUEAMENTO E BRANQUITUDE NO BRASIL In: Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil / Iray Carone, Maria Aparecida Silva Bento (Organizadoras) Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. (25-58).

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Zahar, 2001.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**; tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FERREIRA, Ricardo Frankllin; CAMARGO, Amilton Carlos. As relações cotidianas e a construção da identidade negra. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 31, n. 2, pág. 374-389, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 de abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000200013> .

FERREIRA, Ricardo Franklin. O brasileiro, o racismo silencioso e a emancipação do afro-descendente. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 14, n. 1, p. 69-86, June 2002 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-7182200200010>

0005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 de Abril de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822002000100005>.

FERNANDES, Viviane Barboza; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Identidade Negra entre exclusão e liberdade. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 63, pág. 103-120, abril de 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0020-38742016000100103&lng=en&nrm=iso>. acesso em 28 de abril de 2021. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i63p103-120>

GODOY, Schmidt Arilda, **Pesquisa Qualitativa Tipos Fundamentais**. RAEE Artigos, São Paulo, v. 35, n.3, 1995. p. 20-29.

GOMES, Nilma Lino. Educação e identidade negra. Aletria: **Revista de Estudos de Literatura**, v. 9, p. 38-47, 2002.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Revista de antropologia**, v. 47, p. 9-43, 2004

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 1. reimp. **Rio de Janeiro: DP&A**, p. 8, 2011.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003a.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2022. Disponível em: <<http://censo2022.ibge.gov.br>> Acessado em 1 de Agosto de 2024.

MONTEIRO, Edenar Souza. Construção da identidade no contexto sociocultural dos sujeitos. **Revista Fórum Identidades**, 2014.

INSTITUTO UNIBANCO. **Desigualdade racial na educação brasileira: um Guia completo para entender e combater essa realidade**. [2022?]. Acesso em: 05. Ago. 2024. Disponível em: <<https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/desigualdade-racial-na-educacao>>

LEITE, Ilka Boaventura; PINHEIRO, Thabata JB. Territórios do Axé: religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos. **Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER-UFSC)**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

LUZ, Venice Andrade da. **PRODUÇÃO DO ESPAÇO E TERRITÓRIO SEGREGADO: as contradições no bairro Extrema no município de Grajaú, Maranhão.** 2017.

MAGALHÃES, Cristiana. **Qual é a herança dos africanos para a cultura brasileira?**. 2024. Acesso em: 05. Ago. 2024. disponível em: <<https://portaldoriograndense.com/pt/uncategorised/qual-e-a-heranca-dos-africanos-para-a-cultura-brasileira/543/>>

MUNANGA, Kabengele. **Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades.** *Revista de antropologia*, p. 109-117, 1990.

MUNANGA, Kabengele. Negritude e identidade negra ou afrodescendente: um racismo ao avesso?. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 4, n. 8, p. 06-14, 2012.

PINTO, Márcia Cristina Costa; FERREIRA, Ricardo Franklin. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. **Revista Pesquisas e Práticas sicosociais**, v. 9, n. 2, p. 256-266, 2014.

PINSKY, Jaime. **Escravidão no Brasil.** Editora Contexto, 2015.

ROSSI, Amanda. **Abolição da escravidão em 1888 foi votada pela elite evitando a reforma agrária, diz historiador.** São Paulo. 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44091474>> Acesso em: 05 Ago. 2024.

SAVAZZONI, Simone de Alcantara. Preconceito, Racismo E Discriminação. **Revista do Curso de Direito da Faculdade de Humanidades e Direito**, v. 12, n. 12, 2015.

SCHWARCZ, Lilia. **O som do silêncio: sobre interditos e não ditos nos arquivos quando o tema é escravidão ou escorre para o racismo.** *Cadernos AEL*, v. 17, 2010.

SANTOS, Clenia de Jesus Pereira dos. **A IDENTIDADE NEGRA NO CONTEXTO ESCOLAR: um estudo na Unidade de Educação Básica Darcy Ribeiro.** Tese (Mestrado Profissional em Gestão de Ensino da Educação Básica) - Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação

Básica (PPGEEB), Universidade Federal do Maranhão – UFMA. São Luís, p. 307. 2018.

SANTOS, Silvia Karla B. M. dos. **O QUE É SER NEGRO NO BRASIL? – Uma reflexão sobre o processo de construção da identidade do povo brasileiro.** Cadernos Imbondeiro. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, v. 8, n. 13, p. 128-133, 2000.

PORTAL DO TSE. **Candidaturas.** 2024. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/r/seai/sig-candidaturas/painel-perfil-candidato?p0_ano=2020&session=1013528905478> Acesso em: 09 Set. 2024.

UNICEF. Racismo e saúde mental. 2023. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/blog/racismo-e-saude-mental>> Acesso em: 17 de Out. 2024

UNICEF. Racismo e saúde mental. 2023. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/blog/racismo-e-saude-mental>> Acesso em: 17 de Out. 2024

ZACK, Luiz. **Desafios para representação da História e cultura afro-brasileira na mídia.** 2023. Disponível em: <<https://portaldacomunicacao.com.br/2023/11/desafios-para-representacao-da-historia-e-cultura-afro-brasileira-na-midia/>> Acesso em: 05 Ago. 2024.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

1. QUAL SUA IDADE?
2. QUAL SEU SEXO?
3. EM RELAÇÃO A SUA COR, COMO VOCÊ SE AUTO IDENTIFICA?
4. ESCOLARIDADE: NÃO ESTUDOU?
5. POR QUAL MOTIVO?
6. ESCOLARIDADE DO PAI E DA MÃE.
7. QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ? QUEM SÃO?
8. COMO ESTÁ COMPOSTA A SUA FAMÍLIA? QUEM SÃO OS MEMBROS?
9. TODOS TRABALHAM?
10. VOCÊ TRABALHA?
11. VOCÊ TEM ALGUMA/FUNCIONÁRIA DO LAR? (COR) DE QUAL BAIRRO?
12. VOCÊ TEM ALGUMA RELIGIÃO? QUAL? QUANTO TEMPO? TEM OUTRAS CRENÇAS? SIMPATIZA COM ALGUMA OUTRA RELIGIÃO? COMO COSTUMA MANIFESTAR SUA FÉ?
13. SUA FAMÍLIA SEGUE A MESMA RELIGIÃO?
14. VOCÊ COSTUMA FALAR DA SUA RELIGIÃO PARA OUTRAS PESSOAS QUE SEGUEM OUTRA RELIGIÃO?

15. QUAL A COR PREDOMINANTE DAS PESSOAS QUE SEGUEM SUA RELIGIÃO?

16. O QUE ACHA DO CANDOMBLÉ E UMBANDA?

17. QUANTO TEMPO MORA NESSE BAIRRO? (POUCO TEMPO? VEIO DE QUE REGIÃO?)

18. POR QUE VEIO MORAR AQUI?

19. VOCÊ GOSTA DE MORAR NESSE BAIRRO? POR QUÊ?

20. O QUE VOCÊ ACHA DA VIZINHANÇA?

21. COMO VOCÊ SE RELACIONA COM SEUS VIZINHOS? (TEM ALGUMA ASSOCIAÇÃO, PARTICIPA DE ALGUM GRUPO ?

22. VOCÊ SE SENTE REPRIMIDO NO MEIO SOCIAL NO QUAL ESTÁ INSERIDO, POR QUÊ?

23. SE SIM. O QUE DEIXARIA VOCÊ MAIS CONFORTÁVEL?

24. QUE POLÍTICA PÚBLICA (DIREITO) VOCÊ CONSIDERA MAIS IMPORTANTE?

25. VOCÊ GOSTARIA DE ACESSAR ALGUMA POLÍTICA PÚBLICA DO GOVERNO?

26. O QUE VOCÊ CONHECE SOBRE A CULTURA NEGRA?

27. PRA VOCÊ O QUE É RACISMO?

28. EXISTE RACISMO NO BRASIL?

29. SE SIM. O QUE VOCÊ PENSA SOBRE ISSO?

30. JÁ SOFREU ALGUM CASO DE RACISMO, OU PRESENCIOU ALGUÉM, SE SIM, QUAL?

31. O QUE VOCÊ ACHA DA LEI DE COMBATE A DISCRIMINAÇÃO RACIAL?

32. COMO SE SENTIU?

33. FEZ ALGUMA DENÚNCIA?

34. VOCÊ SE SENTE REPRESENTADO POR ALGUMA PESSOA PÚBLICA/FAMOSAS NEGRAS NO MEIO SOCIAL?

35. VOCÊ JÁ VOTOU EM PESSOAS NEGRAS? VOTARIA

36. VOCÊ CONSIDERA QUE A SITUAÇÃO DO NEGRO NO BRASIL MUDOU DE ALGUMA FORMA NAS 3 ÚLTIMAS DÉCADAS? DE QUE MANEIRA?

37. VOCÊ JÁ RESPONDEU QUE ERA MENOS NEGRO, POR ACREDITAR QUE SERIA MAIS ACEITO, DEPENDENDO DA SUA RESPOSTA?